



O Ideário Patrimonial O идеарио



www.cta.ipt.pt

N. 17 // dezembro 2022 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

EDITORES

† Doutora Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor José d'Encarnação, Universidade de Coimbra

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar

Professor Especialista Fernando Sanchez Salvador, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

André Luis Ramos Soares, Professor Doutor Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Costa, Professor Catedrático Universidade de Aveiro

Carlos Cupeto, Professor Doutor Universidade de Évora

Fabio Negrino, Professor Doutor Università degli Studi di Genova

Hália Santos, Professora Doutora Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal

Luiz M. Oosterbeek, Professor Cordenador Instituto Politécnico de Tomar

Maria João Bom, Professora Doutora Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem© | Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

LATINDEX folio nº 23591

REGISTADA NA ERC nº 127733| REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autor



Índice

Editorial	05
Veículos de Comunicação sobre Arqueologia, Património e História	
José d'Encarnação	08
Quintais Urbanos: A Materialidade Evidenciada pela Arqueologia no Centro Histórico de Belém-Amazônia-Brasil	
Ana Paula Claudino Gonçalves.....	19
A Recuperação de uma Estrutura de Moagem Hidráulica Tradicional como Modelo de Boas Práticas para a Intervenção no Património Molinológico. O Caso do Moinho do Ribeiro (Sousela, Lousada)	
Manuel Nunes, Paulo Lemos	42
Frases Célebres em Monumentos Epigráficos	
José d'Encarnação.....	72
Opinião	
Juan F. Gibaja	82
António Henriques	89
Cândido Ferreira	95
Luiz Oosterbeek	105
Vasco Gil Mantas.....	109

EDITORIAL

À memória da Doutora Ana Rosa Pinto da Cruz se dedicam, naturalmente, estas primeiras palavras e, claro, também este número d’*O Ideário Patrimonial*, que ela chegou a preparar na sua quase totalidade, na medida em que era, juntamente com a *Antrope*, um dos seus ai-jesus. Que ora descanse em paz!

Tive a felicidade de com ela trabalhar e trocar opiniões no âmbito da publicação destas duas revistas, em que me concedeu a honra de colaborar, e pude, desde o primeiro momento, aperceber-me do entusiasmo e do acalorado espírito de serviço com que as encarava. Num dos textos de opinião que ora inserimos, Juan F. Gibaja chama a atenção para a importância premente de fazer circulação científica; eu próprio, ao divulgar o que se faz com as três listas archport, museum e histport, vou nessa direcção. Ambos, portanto, perfilhamos o que foi sempre o intento maior de Ana Rosa: dar a conhecer, dar a conhecer!

Após o referido texto informativo, incluímos o de Ana Paula Claudino Gonçalves, antropóloga da Universidade Federal do Pará, que nos conta da importância que, do ponto de vista arqueológico, detêm os quintais de uma cidade como Belém, no Brasil. Para o arqueólogo, o achamento de uma lixeira – pré-histórica, romana ou medieval – reveste-se sempre do maior interesse, porque os ‘detritos’ aí acumulados durante anos acabam por ser objectos culturais e ali quase por milagre se foram amontoando. Aceitámos o texto de Ana Paula – embora não chegue a dizer nada de eventuais resultados obtidos por escavações levadas a efeito nalgum dos quintais do centro histórico da referida cidade de Belém – porque nos fornece significativo conjunto de depoimentos (praticamente cada parágrafo seu é síntese, quando não mera transcrição, de um depoimento alheio), retirados de pensadores que teve ensejo de consultar e citar, acerca, nomeadamente, das

metodologias adoptadas ou a adoptar pela Arqueologia, a Antropologia e a Arquitectura. Aproveite-se, no entanto, para garantir – é mero comentário – que não pode aceitar-se a citada teoria de Fernanda Magalhães, segundo a qual o *peristylum* da *domus* romana substituiu o *hortus* e que deste tenha derivado o quintal urbano. Aguardamos, pois, que, depois de ter feito essa bem completa pesquisa bibliográfica, extenso rol de citações em jeito de introdução, Ana Paula possa vir a exemplificar o que foi encontrado, com dados concretos e trabalho pessoal.

Em contrapartida, o circunstanciado relato da recuperação do Moinho do Ribeiro (Sousela, Lousada), uma estrutura de moagem hidráulica tradicional, é não apenas, como se diz no título, um «modelo de boas práticas para a intervenção no património molinológico», mas um documento do maior interesse, muito bem estruturado e ilustrado. Atentou-se no património industrial propriamente dito, mas também no património paisagístico e, além disso, a forma esbelta e desempoeirada como tudo está descrito, cria no leitor o desejo de ir até lá, para verificar *de visu* como foi que tudo aconteceu. Um exemplo!

A inscrição de frases célebres em edifícios públicos nem sempre há sido alvo de atenção. Na verdade, a escolha que envolve essa atitude detém um significado cultural a ter em conta, um significado que vai para além da mera ostentação erudita. Impõe-se o seu estudo desse ponto de vista, até porque, amiúde, se desconhece qual foi, exactamente, a fonte original do texto, como se explicita no texto sobre a inscrição patente numa fonte em Lousada. Aliás, a esse propósito se faz aí referência a uma frase que toda a gente cita, mas cuja verdadeira autoria ainda se não logrou identificar.

Quisemos incluir, neste volume, uma secção nova, de Opinião, para acolher troca de impressões acerca da problemática patrimonial. Desta feita, Juan F. Gibaja, grande divulgador das temáticas arqueológicas, refere-se ao caminho erigido da divulgação



científica e patrimonial, a partir da sua própria experiência. Um depoimento que vale a pena ler, porque põe o dedo na ferida: a Ciência é preciso que saia para a rua! – proclama. Notável e, de certo modo, deveras reconfortante, é o testemunho exarado por António Henriques, Presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pera, onde as intervenções programadas pelo Executivo camarário nos vários domínios do Património Cultural têm resultado cabalmente, com o que muito nos congratulamos. Ao invés, Cândido Ferreira, médico nefrologista que se tem dedicado à aquisição de artefactos arqueológicos, sempre sob pena (consciente) de alguns serem reproduções, narra as suas dolorosas dificuldades perante as instituições oficiais, a justificar a pergunta com que intitula o seu depoimento «É a Arqueologia uma Ciência?». Luiz Oosterbeek, por seu turno, mostra como *O Ideário Patrimonial* se insere no 4º andamento da partitura em que a defesa e divulgação do património pode dividir-se, uma breve reflexão que faz questão em dedicar à Doutora Ana Pinto da Cruz, mentora d'*O Ideário*. Encerra o Doutor Vasco Mantas esta primeira série de «opiniões», mediante a apresentação de uma lúcida reflexão, também ela um tudo-nada desencantada, acerca do tortuoso caminho que leva, em seu entender, a investigação e, sobretudo, a prática arqueológica.

José d'Encarnação



**FRASES CÉLEBRES EM MONUMENTOS
EPIGRÁFICOS**

**ANCIENT FAMOUS QUOTATIONS IN
EPIGRAPHIC MONUMENTS**

José d'Encarnação
Universidade de Coimbra
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
jde@fl.uc.pt



Resumo

É frequente a inserção de frases célebres antigas em monumentos epigráficos. A inscrição de uma fonte no concelho de Lousada proporcionou a reflexão sobre a utilização das siglas I M I (sobre o culto à Sagrada Família) e a identificação de uma frase colhida no episódio da Matrona de Éfeso contado no *Satíricon* de Petrónio.

Palavras-chave: Lousada; Sagrada Família; Matrona de Éfeso.

Abstract

It's very common the use of ancient Latin phrases in epigraphic monuments, especially in the neoclassic times. Nevertheless, the inscription in a Portuguese fountain of the beginning of the XX century gave us the opportunity to discuss the introduction the cult of the Holy Family and the eco of one the episodes that *Petronius* tells in his *Satiricon*.

Key words: Lousada; Holy Family; Ephesus's matron.

Houve já ocasião de tecer considerações acerca das inscrições patentes na chamada «Fonte Taurina» existente na localidade de Cristelos, integrada actualmente na União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem, do concelho de Lousada (Cardoso, Encarnação e Sousa, 2018).

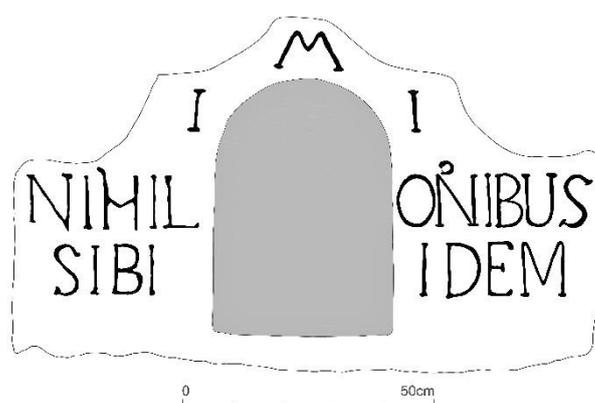
Importará, porém, acrescentar algo mais ao que então se escreveu, mormente porque uma reflexão acerca da utilização de frases célebres em monumentos epigráficos é susceptível de merecer atenção. Na verdade, amiúde se topa com frases aparentemente enigmáticas e falta disposição para se declarar a relevância cultural que daí pode depreender-se.

Datável de primórdios do século XX, ostenta a fonte duas inscrições: encimam o motivo central em jeito de nicho, apenas sugerido, as siglas I M I; lateralmente, lê-se NIHIL / SIBI, à esquerda; ONIBUS / IDEM, à direita (Figuras 1 e 2).

A sugestão de Cristiano Cardoso de desdobrar as siglas em «Jesus Maria José» é perfeitamente aceitável: *I(esus) M(aria) I(osephus)*. Quanto à epígrafe lateral, propôs-se que se leia não na horizontal mas na vertical, ou seja, ligar *nihil* à palavra que lhe subjaz e *onibus* a *idem*.



A epígrafe da Fonte Taurina. Fonte: Cristiano Cardoso.



1. A invocação à Sagrada Família

A primeira questão que se nos pôs foi esta: que motivo poderá ter levado os promotores da erecção do fontanário a optar por esta invocação?

Foi o papa Leão XIII (1878-1903), quem, na época da Revolução Industrial e da instabilidade social que ela provocou, mais se interessou pela promoção desta devoção. Sobre esse tema escreveria, em 1892, o breve apostólico *Neminem Fugit*; instituiu, no ano seguinte, a festa da Sagrada Família e fez, em 1896, a consagração das famílias cristãs à Sagrada Família.

Encontramos, porém, antes dessa 2ª metade do século XIX, o forte designado de Jesus Maria José, já existente em 1710, sob essa invocação, em Vila Franca do Campo, em S. Miguel (Açores).

Mas é precisamente na 2ª metade do século XIX que essa devoção ganha enorme incremento.

Assim, José Manyanet y Vives (1833-1901) fundou, em 1864, os *Filhos da Sagrada Família Jesus, Maria e José*, e, em 1874, as *Missionárias Filhas da Sagrada Família de Nazaré*, «cuja missão», lê-se nos estatutos, «era imitar, honrar e propagar o culto à Sagrada Família de Nazaré e procurar a formação cristã das famílias, principalmente por meio da educação e instrução católica da infância e juventude e do ministério sacerdotal».

A 5 de Julho de 1866, abre, em Lisboa, o comumente chamado «Colégio do Quelhas», ligado à fundação da Província Portuguesa das Irmãs de Santa Doroteia, que foi posto sob essa invocação, «José Maria José».

A 24 de Setembro de 1880, é criado, em Viseu, pela Irmã Rita Amada de Jesus, o Instituto Jesus Maria José (conhecido pelas siglas JMJ).

Estamos, por conseguinte, num ambiente de exaltação da Sagrada Família e isso não apenas justifica a inscrição, como nos induz a datar a erecção do fontanário da 1ª ou 2ª década do século XX ou, recuando um pouco mais, último quartel do século XIX.

Futura investigação em arquivos locais ou distritais poderá vir a trazer mais luz sobre o assunto.

2. A enigmática frase lateral

Trata-se, sem dúvida, de uma frase idiomática, colhida em algum escritor. Apontar-se-ia, de imediato, para um escritor latino, uma vez que o mais provável, nessa época de neoclassicismo, era que aos clássicos se fosse beber a inspiração.

Não era, todavia, expectável que viesse a encontrar-se uma frase exactamente igual, uma vez que dispúnhamos somente de quatro palavras. Sabe-se não ser raro que apenas o sentido se revele sem que se dê importância a uma transcrição literal, *ipsis verbis*, ou seja, com as palavras exactas.

Um exemplo pode elucidar melhor o que ora se pretende esclarecer.

É de todos bem conhecida a frase, uma espécie de adágio popular amiúde citado: «Plantar uma árvore, escrever um livro e fazer um filho – e fica o homem completo». Por curiosidade, procurei, há tempos, conhecer o seu autor, uma vez que lera, no romance *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, publicado em 1901, esta passagem:

«Uma tardinha, ao anoitecer, sentados no pomar, no rebordo do tanque, enquanto o Manuel Hortelão apanhava laranjas no alto de uma escada arrimada a uma alta laranjeira, Jacinto observou, mais para si do que para mim:

– É curioso... Nunca plantei uma árvore!



– Pois é um dos três grandes actos sem os quais, segundo diz não sei que filósofo, nunca se foi um verdadeiro homem. Fazer um filho, plantar uma árvore, escrever um livro. Tens de te apressar, para ser um homem» (Queiroz 1979, p. 131).

Era, portanto, frase corrente, sem autoria precisa, nesse final do século XIX. E pasmei, ao verificar que se considerou «antigo provérbio chinês ou árabe», «fruto da sabedoria popular», «antiga frase»... E, afinal, a frase é do pensador cubano José Julián Martí Pérez (1853-1895), mais conhecido apenas por José Martí. Consta, na verdade, do rol das muitas frases suas que vieram a tornar-se célebres:

«Hay tres cosas que cada persona debería hacer durante su vida: plantar un árbol, tener un hijo y escribir un libro».

E, como se vê, as três coisas lá estão tanto na minha citação (de cor) como na de Eça, mas a ordem pela qual o autor José Martí as escreveu não é essa exactamente.

O hábito de, nos edifícios públicos e também em tapeçarias, se gravarem frases lapidares, colhidas dos escritores latinos clássicos já vem do tempo do Renascimento. Recrudescceu, porém, e ampliou-se aquando do Neoclassicismo, em que artistas e governantes ou simples responsáveis pela «coisa pública» – a *res publica* – faziam questão em mostrar a sua erudição bebida nos clássicos. Criou-se, até, a moda de coligir em compêndios, quais *vade-mecum*, essas expressões mais carismáticas, de que são exemplo os livros de Hugh Moore e de Henry Thomas Riley.

Recordo que, tendo um amigo meu encontrado estranha frase gravada numa tapeçaria que ora adornava um sofá, em Hannover, me perguntou o seu significado. Qual não foi o meu espanto quando me apercebi de que se tratava do fragmento de um texto poético que se repetira aqui e ali, ao longo dos séculos, nos mais diversos contextos e que, muito provavelmente, acabou por – mais ou menos estropiado – da sua autoria se perder

por completo a noção. Evocava a conhecida passagem da *Arte Poética* de Horácio (100-104):

Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi; tum tua me infortunia laedent, Telephe uel Peleu; male si mandata loqueris, aut dormitabo aut ridebo.

«Se queres que eu chore, hás de sofrer tu primeiro: só teus infortúnios podem comover-me, quer sejas Telefo quer Peleu; se, porém, recitares mal o teu papel, dormitarei ou cairei no riso» (Encarnação, 2016, p. 23-26).

No caso da Fonte Taurina, a frase poderá ser a seguinte:

«Nihil tibi o(m)nibus idem».

«Nada para ti. Para todos também não».

Ao contrário dos exemplos referidos, não me pareceu tratar-se de frase muito conhecida. A pesquisa que levei a efeito, quiçá por também dispormos de poucas palavras, não me permitiu verificar se constaria das colectâneas de frases célebres a que se aludiu. Julgo, contudo, poder relacioná-la com uma passagem do *Satiricon*, de Petrónio (111, 8), que – numa das versões – diz o seguinte:

«Nihil proderit tibi gemitu pectus diducere omnibus idem esse exitum».

de que o texto de Lousada será uma versão abreviada, com as palavras mais significativas, em jeito de prólogo: *nihil tibi, omnibus idem*.

Conta Petrónio o conhecido episódio da «Matrona de Éfeso»: não se conformando com a morte do bem-amado, a matrona chorava copiosamente e manifestava intenção de querer ser sepultada com ele. Abeirou-se dela, porém, um soldado que «exortou a desesperada a não teimar naquela dor inútil, a não despedaçar o coração com os seus gemidos ilusórios: toda a gente acabaria assim, na mesma morada» Petrónio.

É bastante livre esta tradução publicada na colecção dos Livros de Bolso de PEA de que ora me servi (Petrónio, 1973, p. 124); a passagem em latim é a seguinte:

«[...] *coepitque hortari lugentem ne perseueraret in dolore superuacuo ac nihil profuturo gemitu pectus diduceret omnium eundem esse exitum et idem domicilium* [...]».

¿Que mensagem se quer, então, transmitir, uma vez que não nos encontramos em contexto fúnebre, qual o da situação a que a frase pertence, mas sim perante uma fonte, em que a perspectiva será salutífera, animadora e de futuro? Teria havido uma intenção concreta, algo como «se não houver água para ti, também para os outros a não haverá»? Um incitamento, portanto, à poupança do precioso líquido? Ou será apenas uma admoestação sábia: «Nada tens? Não te preocupes, que todos estão na mesma situação que tu!».

Em mensagem endereçada, a 26 de Abril de 2018, aos meus colegas epigrafistas, dei conta deste testemunho e indaguei:

a) se esta frase – ou outra idêntica – terá sido reproduzida em diversos locais, nomeadamente no período do neoclassicismo;

b) se pode atribuir-se-lhe outro significado a não ser o de uma máxima moral, com o significado de «Nada te acontece de diferente dos demais».

Não recebi resposta.

E, logo na altura da primeira publicação se frisou que o que era importante salientar era a circunstância de, em recôndito fontanário de um território como o de Lousada, depararmos, hoje, com uma epígrafe que, mais de um século passado, passou despercebida e que detém, inegavelmente, valor como testemunho da transmissão de uma história multissecular e só de um restrito número de académicos conhecida.

Seja como for, oxalá a investigação possa vir a trazer nova luz sobre o que ali, de facto, se quis dizer.

BIBLIOGRAFIA

Cardoso, C., Encarnação, J. d' e Sousa, L. (2018). Catálogo epigráfico de Lousada – A inscrição clássica de Fonte Taurina. *Revista Municipal (Suplemento Património)*, nº 167, Abril de 2018, Câmara Municipal de Lousada, 21-25. Acessível em:

<http://www.cm-lousada.pt/pt/suplementos>

Encarnação, J. d' (2016). A epigrafia (im)possível. *Materiaes*, III série, nº 1, 23-26.

Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/24345>.

Moore, H. (1833). *A Dictionary of Quotations*, in *The Treasury of Knowledge and Library of Reference – Parts IV, V and VI*. New York: Conner & Cooke.

Petrónio (1973). *O Satíricon*. Mem Martins: Publicações Europa-América [nº 68 da colecção Livros de Bolso]. O episódio referido ocupa as páginas 123 a 126.

Queiroz, Eça de (1979). *A Cidade e as Serras*. Mem Martins: Publicações Europa-América [nº 219 da colecção Livros de Bolso].

Riley, H. T. (1856). *Dictionary of Latin Quotations, Proverbs, Maxims, and Mottos Classical and Mediaeval...* London.

